

BANIMENTO DO PENSAR PELO DOMÍNIO DA TÉCNICA

LUDMILA PAIVA BAHIA FRANCO¹

RESUMO: Um filósofo que meditou sobre as agruras, a essência, o ser e o ente para entender o homem que "torna-se". A vida simples de Martin Heidegger confrontava com um pensamento genial. Membro do partido nazista, sucumbiu-se às mazelas de Hitler por determinado tempo, mas que por notável saber assim ficou estigmatizado. Para alguns estudiosos Heidegger é um dos maiores filósofos da contemporaneidade e seus pensamentos provocaram questionamentos e reflexões e suas atitudes, muitas vezes, ainda são criticadas. As ideias do filósofo podem ser trazidas para o século XXI afim de analisar a catalisadora desordem provocada pela tecnologia que também, hodiernamente, coloca o ser humano num patamar evolutivo antes inimaginável. Heidegger é um crítico da tecnologia, não sobre sua inegável contribuição à condição humana, mas por afastar o homem do que lhe é inerente: o pensar. Heidegger distingue entre o pensamento que calcula (ciência e técnica) e o pensamento que medita (filosofia e poesia). Demonstra que é preciso desabrigar a técnica da sua mistificação, provando sua autossuficiência, tampouco substitui a revelação do ser que só a filosofia pode oferecer mediante a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia; Heidegger; Linguagem.

ABSTRACT: A philosopher who mused about the hardships, the essence, the being and the creature to describe the man who "becomes". The simple life of Martin Heidegger was faced with a great thought. A member of the Nazi party he succumbed to the evils of Hitler, but by that remarkable knowledge that way he was stigmatized. For some academics, Heidegger is one of the greatest philosophers of contemporary times and his thoughts have provoked questions and reflections, and his attitudes are still often criticized. The ideas of the philosopher can be brought into the 21st century in order to analyze the catalyst disorder caused by technology that also, today, places the human being in a rolling plateau before unthinkable. Heidegger is a critic of technology, not about its undeniable contribution to the human condition, but by removing the inherent to man: the act of thinking. Heidegger distinguishes between the thought that calculates (science and technology) and the thought that meditates (philosophy and poetry). He demonstrates that it is necessary to displace its technique mystification, because it is not self-sufficient, nor replaces the revelation that only philosophy can offer through the language.

¹ Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade FUMEC, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade de Uberaba. ludmilabahia@yahoo.com.br
Cadernos da Fucamp, v.16, n.26, p.11-21/2017

KEY- WORDS: Technology; Heidegger; Language.

1 Resumo Da Trajetória Intelectual de Heidegger

Martin Heidegger nasceu em 1889 na cidade católica de Messkirch na Alemanha e faleceu em 26 de maio de 1976, em Freiburg-im-Breisgau, parte da Alemanha Ocidental. O percurso intelectual de Heidegger se inicia em 1903 quando estudou em Constança até 1906 e depois em Freiburg até 1909. Neste mesmo ano inicia a Faculdade de Teologia de Freiburg, mas abandona os estudos teológicos em 1911 para se dedicar à Filosofia. Em 1914 apresenta sua tese de doutorado em Filosofia intitulada "A Doutrina do juízo no Psicologismo – contribuição crítico-positiva à Lógica". Heidegger foi assistente de Husserl em 1915 em Freiburg e trabalharam juntos por vários anos, mas se afastam quando Heidegger toma um caminho intelectual próprio. Outro fator preponderante para o afastamento dos dois é que Heidegger se torna um integrante do partido nazista e Husserl era judeu. De 1923 a 1928, Heidegger atua como docente na Universidade de Marburgo e em 1928 retorna a Freiburg para ocupar o lugar de Husserl até 1944. De 1944 a 1951 é obrigado a entrar de férias, até sua participação no partido nazista ser investigada, mas não foi encontrado nenhum desvio grave. Não sendo incriminado, teve seus direitos garantidos.

De 1951 a fevereiro de 1957, Heidegger retorna a docência em Freiburg como professor emérito. Um autor contemporâneo que se alimenta filosoficamente da filosofia antiga. Entre suas publicações:

Doutrina de Platão sobre a verdade (1947); Sobre o Humanismo (1949); O Caminho do Campo (1953); Que significa pensar (1954); Cursos e Conferências (1954); Que é isto a Filosofia?(1956); Sobre a Questão do Ser (1956); Identidade e Diferença (1957); O Princípio do Fundamento (1957); Serenidade (1959); Pelos Caminhos da Linguagem (1959); Nietzsche (1961); A Pergunta pela coisa (1962); A Tese de Kant sobre o Ser (1962); A Questão do Pensar (1969); Heráclito (1970). (UFG, 2014)

2 A Questão da Palavra e o Ser

Um autor complexo, farto em ideias e de caminhos para a busca de respostas. Caminhos é o nome que ele mesmo dá em substituição a obra para seus escritos e dizeres

borbulhantes de reflexão que cabem muito bem a atualidade. Pontuemos algumas questões em relação a linguagem e a tecnologia. O filósofo alemão "reclama" da ontologia e metafísica tratadas pela filosofia tradicional.

Já é hora de nos desacostumarmos a supervalorizar a filosofia que acaba exigindo muito dela. Na situação constringente que se encontra o mundo de hoje, o necessário é: menos filosofia e mais cuidado com o pensar; menos literatura, porém mais cultivo com a letra. (HEIDEGGER, 2008, p.376)

A ontologia lida com o ser, mas a filosofia deu mais projeção ao ente, que na visão de Heidegger não é objeto da filosofia, e sim de outras ciências, como a física. O ser não é o ente, o ser é aquilo que nós criamos sobre e para representar o ente e está na linguagem, ou seja, o sentido é o ser. O ser precede a existência e o ente é o que se apresenta, logo, o ser antecede o ente. O pensamento *heideggeriano* nos chama para que nos aproximemos do ser, que é explicado pela filosofia e não pela ciência e teologia. O ser pode ser explicado além da revelação que vem de Deus, indo além da metafísica e também do cientificismo, para Heidegger.

Vivemos em um mundo linguístico, nossos acordos ou desacordos se dão por meio do embate de ideias. É na palavra que mora a ideia sobre o objeto. Heidegger iluminou a questão de que as coisas não estão dentro da linguagem, é a ideia sobre as coisas que estão dentro da linguagem.

(...) a 'filosofia' se vê constantemente constringida a justificar sua existência diante das 'ciências'. Ela imagina que isto aconteça de modo mais seguro, quando ela eleva a si mesma ao patamar de uma ciência. Esse esforço, porém, é a renúncia da essência do pensar. A filosofia é perseguida pelo medo de perder o prestígio e a importância, caso não seja uma ciência. (HEIDEGGER, 2008, p. 327)

Heidegger assume um papel crucial ao tirar o foco da filosofia das coisas e colocar na linguagem. A linguagem pode muito, mas não pode tudo. Analisemos. Se estamos a ajudar alguém e oferecemos uma "mão", não é para tirar o membro e entregar a pessoa afim de colaborar com a tarefa, mas sim contribuir de alguma forma para seu êxito.

Mas antes mesmo da elaboração da linguagem vem a existência que vai na frente da essência, é existindo que vamos nos criando, vamos nos tornando.

A ek-sistência só pode ser dita da essência do homem, ou seja, apenas do modo humano de 'ser'; pois até onde podemos experimentar, só o homem é abandonado no interior do destino da ek-sistência. Por isso, supondo-se que o homem esteja destinado a pensar a essência de seu ser e não apenas a relatar historiologias naturais e históricas sobre sua constituição e sua atividade, sua ek-sistência também jamais poderá ser pensada como uma espécie particular entre outras espécies de seres vivos. (HEIDEGGER, 2008, p. 336)

A partir da existência o homem é capaz de tornar-se, de responder e escolher os caminhos para o que quer ser. E desta forma, o ser humano é capaz de promover transformações, através de seus pensamentos, reflexões, quando externadas através da linguagem, bem além da pura gramática.

A linguagem é a morada do ser. Na habitação da linguagem mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardiões dessa morada. Sua vigília consiste em levar a cabo a manifestação do ser, na medida em que, por seu dizer, a levam à linguagem e nela a custodiam. O pensar não se converte em ação pelo fato de provir dele algum efeito ou por ser utilizado. O pensar age na medida em que pensa. Essa ação é provavelmente a mais simples e ao mesmo tempo a mais elevada, pois diz respeito à relação entre o ser e homem. Toda atuação, porém, repousa no ser e se dirige ao ente. (HEIDEGGER, 2008, p. 326)

No ato de pensar, produzimos e produzindo nos sentimos úteis e capazes para fazer e nos tornarmos o que queremos, afinal temos a liberdade da escolha. Portanto, devemos nos avizinhar do ser. Como bem enfatiza Heidegger (2008, p. 331) "A linguagem ainda nos nega sua essência: qual seja, o fato de ela ser a morada da verdade do ser. Antes, a linguagem se abandona ao nosso mero querer e empreender como um instrumento de dominação sobre o ente."

E de onde nasce o pensar, senão de uma dúvida, a partir de uma situação que nos cause surpresa ou mesmo curiosidade, de algo que precise de uma resposta, de um caminho ou até de uma solução. Como elabora Heidegger (2008, p.335) "O que é digno de ser pensado é aquilo que é primeiramente dado ao pensar como o que precisa ser por ele pensado, mas jamais esbarra na voracidade de uma busca impulsionada por um anseio vazio por colocar tudo em dúvida."

O homem é um *animal rationale* e se diferencia assim de outros seres vivos, carregando consigo a razão e o pensar, dentre outras características que só a ele pertencem,

como a capacidade de articular e a linguagem, "a linguagem é o advento do ser, que ilumina e o oculta." (Heidegger, 2008, p. 339). A grande questão é o cessar do pensar pelo deslumbramento da técnica, que tanto seduz e fascina e também reduz, quando o pensar é relegado.

3 Questão da Técnica para a Reflexão

Se "*a linguagem é a morada do ser*" segundo o caminho traçado pelo pensamento *heideggeriano* e ela nasce a partir do pensar, o que então poderia colocar em risco ou fracassar, que o ente se aproxime cada vez mais do ser? Para Heidegger um dos entraves é a "*questão da técnica*", título também de um discurso do filósofo, transformado em texto, "proferido no dia 18 de novembro de 1953 no Auditorium Maximum da Escola Superior Técnica de Munique, fazendo parte do ciclo de conferências cujo tema era *As artes na época da técnica (...)*." (WERLE, 2007, p. 397).

O grande temor do filósofo era que a técnica sobrepassasse o pensar, fazendo do homem um sujeito tecnicista, mecânico, automático. O problema não é a tecnologia e sim como a utilizamos. A técnica, a tecnologia, provocam encantamento e ou dependência? Heidegger então começou a refletir sobre a sua influência nas pessoas.

Não há como negar a importância da tecnologia, e muito menos ir contra ela, mas temos que sair do "pensamento que calcula" e buscar a "reflexão que medita". Para Heidegger, (2000, p. 14) "O pensamento que medita exige, por vezes, um grande esforço. Requer um treino demorado". Desta forma, influenciados e tomados pela técnica, não paramos mais para questionar e buscar repostas para questões que respondam as verdades.

O ser humano é indeterminado, enquanto o ser sendo não tem como enquadrar, não tem como determinar. Mas a partir do momento que a gente esquece de retornar do impessoal, do impróprio, da inautenticidade, a gente esquece a reflexão, o pensamento imediatista e a gente cai no modo de pensar calculador. A gente passa a pensar mecanicamente, é aí onde está a técnica moderna. A gente passa a pensar mecanicamente, a gente passa a pensar de uma forma determinada. No cálculo podemos prever resultados, mas esses resultados não são questionados e o "que" da questão é justamente questionar, é justamente refletir os resultados, é justamente ter um senso crítico. (ARAÚJO, 2016)

Para Heidegger (2007, p.376), "a essência de algo vale, segundo antiga doutrina, pelo *que* algo é." E o que *é* a técnica? Seria algo desenvolvido a partir de um instrumento feito pelo homem. A crítica de Heidegger se dá a partir do modo como utilizamos a técnica

Por todos os lados, permanecemos, sem liberdade, atados a ela, mesmo que a neguemos ou a confirmemos apaixonadamente. Mas de modo mais triste estamos entregues à técnica quando a consideramos como algo neutro; pois essa representação, à qual hoje em dia especialmente se adora prestar homenagem, nos torna completamente cegos perante a essência da técnica. (HEIDEGGER, 2007, p. 376)

O homem deve usar a técnica sem ser escravo dela, sem depender dela para dar o passo seguinte, evitando a inércia. Devemo-nos nos servir de seus benefícios nos livrando da escravidão - parece que estamos acorrentados a técnica.

"Tudo se reduz ao lidar de modo adequado com a técnica enquanto meio. Pretende-se, como se diz, 'ter espiritualmente a técnica nas mãos'. Pretende-se dominá-la. O querer-dominar se torna tão mais iminente quanto mais a técnica ameaça escapar do domínio dos homens". (HEIDEGGER, 2007, p. 376).

A técnica tem transformado a maneira de pensar. Do manual, evoluiu, ganhou força, robustez, amplitude e um espaço exagerado na vida dos homens e repousa "sobre a moderna ciência exata da natureza", como classifica Heidegger (2007, p. 381). Mas para que funcione "depende de aparelhos técnicos e do progresso da construção de aparelhos." (HEIDEGGER, 2007, p. 381). Nesse compasso o homem é desafiado o tempo todo a inventar e se reinventar, a fazer novas descobertas, a desabrigar, inebriado pelas possibilidades, talvez até, escravizado pelo dominar da técnica que conduz suas ações.

Contudo, a verdade é que o homem da era da técnica é desafiado de um modo especialmente claro para dentro do desabrigar. Tal fato se refere, primeiramente, à natureza como um depósito de energias. Correspondendo a isso, a postura requerente do homem mostra-se, em primeiro lugar, no surgimento da moderna e exata ciência da natureza. (HEIDEGGER, 2007, p.386).

O homem torna-se calculista e automático, dependendo da técnica para os afazeres das coisas mais simples. Daí a crítica ou a reflexão de Heidegger, que deve ser vastamente

discutida também na área educacional, afinal de despertar o sujeito para os rumos desse caminho, estimulando a construção de ideias, pensamentos para a vida. Exemplifiquemos.

Preocupado em dar a oportunidade de acesso à tecnologia, e mais especificamente, ao computador e à internet, diminuindo o abismo entre ricos e pobres a essas técnicas, o governo federal publicou a Portaria nº 522 / MEC em abril de 1997 e foi criado o Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo) para o uso educacional da tecnologia da informação na educação pública. No entanto, as políticas públicas estão sujeitas a alterações no projeto original devido ao aparecimento de novos problemas, atores, pressões externas, agendas, entre outros, e, em 2007, o programa ganhou nova versão, apresentada em 12 de dezembro de 2007, sob Decreto nº 6.300, e renomeado: Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), em vigor até este momento.

A preocupação da União com a reformulação também é dar condição e formação continuada ao professor para que este atue como mediador desta tecnologia dentro do espaço escolar, não para ensinar como manusear os equipamentos, mas sim para estimular entre os jovens a importância do "pensar" sobre o conteúdo explorado na rede, para que possam refletir sobre o que é disponibilizado através da internet, podendo problematizar sobre o seu conteúdo, explorar o que é narrado, atestar a procedência, se manifestar, se posicionar criticamente, afim de criar um conhecimento a respeito e não apenas explorar a internet de modo mecânico, sem reflexão, mudando de uma página a outra como se estivesse a procurar por algo que não se sabe exatamente o que é. O doutor em comunicação José Manuel Moran contextualiza em suas obras a importância da tecnologia no âmbito escolar, mas "guiada" pelo saber empírico do docente.

A aquisição da informação, dos dados dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor - o papel principal - é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los. (MORAN, 2000, p.138)

Justamente essa era uma das encruzilhadas que Heidegger temia em suas reflexões: como utilizaríamos a técnica. A figura do professor como um articulador, mediador, para que o jovem perceba os vários caminhos propostos pela tecnologia, o alto risco da dependência e a enxurrada de conteúdo que a internet é capaz de abrigar, misturado entre verdades, mentiras, banalidades e coerências, se torna fundamental.

A técnica é a forma de nos relacionarmos com o mundo, o signo de como a sociedade contemporânea se articula, se comunica e se organiza. A técnica tanto está enraizada na máquina, quanto no homem, quando este se torna dependente dela inebriado por acreditar em sua autossuficiência. Para Araújo (2016), Heidegger reflete que a técnica moderna traz um novo sentido para o ser, entretanto tem tanto consequências positivas quanto negativas. "A essência da técnica moderna conduz o homem para o caminho daquele desabrigar por onde o real, em todos os lugares mais ou menos captável, torna-se subsistência". (Heidegger, 2007, p. 388)

Inegavelmente a técnica nos oferece a oportunidade de otimização, encurta distâncias, reorganiza as condições de tempo e espaço, promove melhora na condição humana e está até dentro do corpo humano, auxiliando o bom funcionamento do organismo, como os marcapassos e os *stent* cardíacos. Os benefícios em todas as áreas ocupam uma lista enorme e a cada dia ganha mais espaço e novos adjetivos, já que a todo instante nos são apresentadas mais mudanças que a tecnologia é capaz de proporcionar.

Entretanto, o ser humano está submisso às tecnologias como se para existir, que é quando nos questionamos sobre nosso papel no mundo, a técnica fosse condição, e desta forma estamos mecanizados e só os aparatos da tecnologia é que podem nos fornecer as condições, então, para o existir. "A gente por conta dessa técnica passou a ter respostas líquidas, respostas certas para os problemas, e conseqüentemente, não meditamos, ou sequer formulamos mais." (ARAÚJO, 2016)

O pensar é inerente ao ser humano, mas essa essência acaba sendo afastada pela tecnologia que passou a dominar o homem. A técnica pode esconder a armação, no sentido de perigo, mas foi depositada nela toda a confiança para que pudesse transformar nossas vidas e resolver os problemas, conflitos, agruras e medos, mas o efeito pode ser o contrário a partir do momento em que a deixamos ocupar o espaço da dominação.

A essencialização da técnica ameaça o desabrigar, ameaça com a possibilidade de todo desabrigar emergir no requerer e tudo somente se apresentar no descobrimento da subsistência. O fazer humano nunca pode imediatamente ir ao encontro deste perigo. A empresa humana nunca pode sozinha banir este perigo. Mas, a meditação humana pode refletir sobre o fato de que tudo o que salva necessita de uma essência superior à do perigo, embora ao mesmo tempo a ela aparentada. (HEIDEGGER, 2007, p.395)

Tudo que o homem precisa está na tecnologia? Ou seria através dela a condição mais fácil para a vida? Devemos dizer "sim" e "não" à técnica. O homem não pode perder a capacidade e o hábito da reflexão e não ser instrumento da tecnologia e sim a tecnologia ser um instrumento para o homem.

4 Considerações Finais

Essa perda da reflexão da realidade, das indagações sobre a essência, é banida pela técnica. Somos reféns da tecnologia a partir do momento que nos tornamos dependentes para as tarefas mais corriqueiras ou quando acreditamos que a tecnologia supre todas as necessidades do ser.

Quando chegamos em casa, por exemplo, ligamos a televisão pelo simples fato que ela também faz um papel de "companheira", preenche o silêncio, ou vamos para as redes sociais ou aplicativos de conversas instantâneas em busca de frivolidades ou distração. Saber o que o outro está fazendo, trocar mensagens com "amigos" que nunca vimos ou mesmo pra provocar algum tipo de comunicação. E mais que isso, se a resposta está na tecnologia, por exemplo, ao fazer um trabalho acadêmico é mais fácil buscar algo pronto disponível na *internet*, mas seria o adequado para a formação do sujeito?

Se a resposta está na tecnologia a reflexão torna-se desnecessária. Quando o homem é manipulado pela técnica, a reflexão é banida. A dificuldade está justamente no ato de refletir o ser, que precede o ente, a existência, e as respostas estão no ser.

O inquietante para Heidegger não é a tecnologia, mas mergulhado nesse pensamento que calcula, a necessidade do pensar se perde. Quando ele reflete sobre o domínio dessa técnica e faz alusão à bomba atômica, já que muitas de suas reflexões sobre a técnica se dão justamente durante segunda guerra mundial, Heidegger analisa a prepotência da técnica e o homem se torna indefeso e desamparado ao perceber que o refletir nessa era da técnica moderna é desnecessário. Por isso Heidegger diz que o homem precisa do "enraizamento" para voltar à meditação.

É inegável a importância da tecnologia para a vida humana, mas não devemos nos sucumbir a técnica, nos tornarmos robotizados e para isso é preciso estabelecer limites, utilizando-a como instrumento, meio, como sugere Heidegger, e não como fim.

Referências

ARAÚJO, A. C. S.. **Fenomenologia** - A técnica e a questão da técnica em Heidegger. Publicado em: 30 set. 2016. Disponível em: <<http://https://www.youtube.com/watch?v=JjyoVv-bF-I> >. Acesso em 15 de janeiro de 2017.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. Trad.: Marco Aurélio Werle. Scientiae Studia, São Paulo, v.5, n.3, p. 375-98, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167831662007000300006&lng=pt&pnrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 dez. 2016

HEIDEGGER, Martin. **Marcas do Caminho**. Trad.: Enio Paulo Gianchini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, 496 p. Tradução do Original: Wegmarker.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Trad.: Maria Madalena Andrade, Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. Tradução do Original: Gelassenheit.

MARTIN HEIDEGGER - VIDA E OBRA, 2014, UFG. Disponível em: <<https://nepefe.fe.ufg.br/p/3702-martin-heidegger-vida-e-obra>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologia. **Informática na Educação: Teoria e Prática**, Porto Alegre, v.3, n. 1, set. 2000. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6474>>. Acesso em 15 de outubro de 2016.

